

cei

suplemento

Junho de 1971

30

TEOLOGIA COMO PROCESSO

REFLEXÕES TEOLÓGICAS SOBRE MISSÃO INDUSTRIAL E URBANA

por Paul Loffler

Paul Loffler, da Alemanha, atual Diretor de Estudos Superiores da Faculdade de Teologia do Oriente Próximo, em Beirut, exerceu cargos no Conselho Internacional de Missões e na Divisão de Missão Mundial e Evangelismo do Conselho Mundial de Igrejas, 1960 a 1968. É autor de *The Layman Abroad in the Mission of the Church*, 1962, e preparou a edição de *Secular Man and Christian Mission*, 1968. Foi, também o primeiro a ocupar o Secretariado de Missão Industrial e Urbana da Divisão de Missão Mundial e Evangelismo do C.M.I. Este estudo foi apresentado na reunião do Grupo Consultivo de Missão Industrial e Urbana, realizada em Kyoto, em agosto de 1970, como subsídio para uma discussão da "Humanização na Indústria". Posteriormente, foi revisto pelo autor, e será publicado em *Study Encounter*, vol. VII, n.º 2, Junho, 1971.

Os que fazemos experiência com novas formas de participação cristã na sociedade industrial e urbana, já nos tornamos cada vez mais cépticos de uma teologia orientada em torno de afirmações. (1) Nosso problema não é que sejam errôneas certas afirmações fixas a respeito de Deus e do homem, da cruz e da ressurreição. Mas, para que tenham validade ampla, elas têm de ser feitas em termos tão gerais, que perdem o sentido. Esta afirmação, "A esperança cristã orientada para o futuro decorre de percepção de um evento histórico, a ressurreição de Jesus Cristo", é demasiadamente remota para que tenha utilidade no contexto pragmático da vida urbana. O outro tipo de afirmação teológica fixa, a que emite pronunciamentos específicos a respeito de acontecimentos ou problemas da sociedade moderna, é realmente perigoso. A semelhança de uma fotografia, ele fixa certo momento de um processo, ou reflete dado agrupamento de atôres; já ultrapassados quando o pronunciamento chega a ser publicado. Torna a reflexão teológica, fatalmente, em uma operação voltada para trás, que está sempre tentando pôr-se em dia com o desenrolar dos acontecimentos.

Por isso, os "praticantes" de missão industrial e urbana nos temos mantido à

distância da "teologia acadêmica" e até, mesmo, da discussão da ética social. Lembro, a propósito, a advertência quase unânime feita por uma reunião anual de capelães na indústria da Grã-Bretanha, há alguns anos, contra a corrupção do nosso nôvo estilo de engajamento pelo esforço de fazê-lo conformar-se aos moldes de percepção da teologia tradicional. Diante da insistência sôbre convicções teológicas, nada mais se conseguiu do que a formulação de algumas questões incômodas, dirigidas à teologia. (2) Entretanto, a teologia certamente foi e é praticada nos ministérios industriais e urbanos. A tarefa consiste em situá-la no contexto do engajamento, colaborar na sua articulação, e verificar se já começam a surgir modelos distintos.

Creio que dois estilos, ou modelos, de reflexão teológica estão em vias de se manifestar, os quais estão de fato sendo postos em prática em projetos de missão industrial e urbana, em pontos distantes ao redor do mundo. O primeiro deles é o que se pode chamar de reflexão de motivação. Dentro do contexto do engajamento cotidiano de certa equipe cristã, as experiências e os discernimentos são analisados em confronto

(1) "Teologia orientada em torno de afirmações" significa um método de fazer teologia por dedução das fontes bíblicas e históricas, com vistas a afirmações sistemáticas ou logicamente conexas de posições corretas, ou incorretas.

(2) Um artigo sôbre o assunto, publicado na *International Review of Missions*, 1965, contém, em menos de 5 páginas, mais de 50 interrogações.

com as motivações. (3) A equipe responsável pelo Instituto de Cultura e Educação Operária do Kansai, no coração industrial do Japão, nos arredores de Osaka, está empenhada em tal reflexão. Ela não só verifica, constantemente, se continua a atender às necessidades reais dos trabalhadores, mas também faz, freqüentemente, o relacionamento entre sua avaliação da situação e as motivações emanadas da fé cristã, que a levaram inicialmente a assumir tal tarefa.

O ponto importante nessa reflexão de motivação é que ela tem uma direção precisa. É isto que a transforma em processo. O ímpeto inicial, o impulso que põe o processo em andamento, provém do engajamento. Uma confrontação com um grupo de operários grevistas, por exemplo, revela o dilema traumático das pessoas atingidas pelas mudanças tecnológicas — e, subitamente, algo do sofrimento de Jesus passa a ter novo sentido. O festejo da libertação de um líder da resistência que se achava prêso, empolgando toda uma comunidade, pode levá-la a uma nova compreensão do que significa viver em jubilosa expectativa, graças à promessa contida na ressurreição de Cristo. O engajamento conduz à descoberta.

O segundo modelo de reflexão teológica é o que se pode chamar de *inspiração*. Ao passo que os cristãos encontram no contexto dos acontecimentos e

relacionamentos concretos o significado da sua fé, recebem novas idéias que os levam de volta à sua situação. O culto (embora de forma não-tradicional) em um Centro Comunitário de Nairobi, injeta novo ânimo e disposição para continuar a viver no meio de algumas das insolúveis tensões da sociedade africana em transição. O estudo bíblico (embora em estilo bastante secularizado) proporciona à equipe responsável por certo projeto urbano em Paris, novas perspectivas quanto ao aperfeiçoamento dos seus serviços e um discernimento mais claro dos problemas que precisam ser enfrentados a qualquer custo.

Este modelo leva do registro de ação e presença de Deus na história, rumo às formas do futuro; da resposta do povo de Deus no passado, a uma visão da nossa responsabilidade nos dias de hoje. Tal processo estende os horizontes da esperança, as metas pelas quais trabalhamos e sofremos, para além das fronteiras do engajamento imediato. Os relatos das experiências ocorridas entre Deus e os homens, no passado, tornam visíveis as dimensões do futuro, as perspectivas da liberdade, e a imposição da responsabilidade.

Estes dois estilos de reflexão já se desenvolveram suficientemente para que se liguem em um único processo, com uma seqüência clara de passos ou etapas, que podemos ilustrar por meio de uma representação gráfica:

(3) "Motivação" diz respeito a tudo quanto leva uma pessoa, ou grupo de pessoas, a agir e comportar-se de certa maneira. Os motivos são importantes, não só porque apontam o raciocínio da ação e do comportamento, mas porque dão forma e direção ao comportamento e à ação.

Fase de Motivação (4)

Situações específicas

Engajamento

Reflexão teológica.

Registro da ação de Deus e da resposta do homem no passado.

Fase de Inspiração

Futuro

Engajamento

Informação ("realimentação") teológica.*

Pondo-a à prova

Capacitar a participação do povo na tomada de decisões é uma tarefa vital na sociedade moderna. Ao passo que os cristãos se envolvem na educação operária na Índia, e na conscientização dos pobres nos centros urbanos latino-americanos, surgem problemas ligados ao controle do poder, à organização das massas, mas também à formulação das suas reivindicações. Aqui deparamos, entre outras, a questão da criatividade. Sair do torpor mental, da apatia resultante do sofrimento sem sentido, para o desenvolvimento da criatividade entre os

pobres e oprimidos, se torna um passo essencial rumo à prática da participação. Numa indústria nacionalizada, os operários podem, de fato, ter assento junto aos órgãos deliberativos. Mas enquanto não adquirirem iniciativas próprias, elaborarem contra-propostas e soluções viáveis para o futuro, sua participação formal permanecerá sem efeito. Um grupo coeso de cidadãos poderá ter obtido voz no planejamento da renovação urbana; mas pouco adiantará junto aos planejadores e tecnocratas, a menos que seja capaz de influir positivamente na formulação de metas para o planejamento, que possua, enfim, uma idéia realista da cidade como o povo realmente a quer.

Identificam-se os problemas. Através da participação em tais grupos, os cristãos descobrem, neste caso, a importância da criatividade. Através da reflexão teológica, verificam que a sua descoberta corresponde a certos elementos contidos nos registros históricos da fé, dos quais, até então, mal se davam conta. Recordamo-nos, por exemplo, que o mandato da criação ao homem, de dominar a natureza e o seu meio-ambiente social, requer a participação criadora de todos. O mandato não é, absolutamente, uma simples ordem para que se construa a

(4) Masao Takenaka denominou esta fase a do "Ha-ha", exprimindo assim o elemento de surpresa: "agora compreendo o que significa certa afirmação bíblica." Em espírito chistoso, descrevi a segunda fase com a do "A-ha", empregando o vocábulo no seu sentido alemão: "agora sei o que tenho de fazer."

* O autor emprega aqui a terminologia de computadores — "feedback" — que se traduz literalmente por realimentação ou devolução, resposta. (Nota da tradutora).

sociedade com material que já vem fornecido, e de acordo com instruções anexas. Antes, abre ao homem possibilidades de remodelar o mundo, inclusive o próprio risco de sua destruição. A criatividade é essencial à realização da obra, o que se reconhece no texto bíblico pela audaciosa afirmação da semelhança do homem a Deus como criador (“imagem de!”).

A teologia tradicional sempre reconheceu isto, em princípio. Porém o significado particular do mandato da criação, a ênfase nesse ponto específico, dentre as mil possibilidades de interpretação da “imagem de!”, somente se tornaram claros através do engajamento em determinada situação, e com referência a um contexto específico. Creio ser este o ponto que M. M. Thomas sublinhava, quando assim se dirigiu a Hendrikus Berkhof: “Tenho a impressão de que a sua ênfase na apresentação da “Mensagem sem Contemporização” parece resultar do pressuposto de que se pode conhecer a Mensagem, na sua plenitude, num vácuo. Estará certo tal pressuposto? Não será mais correto, teologicamente, presumir que é precisamente no ponto de encontro entre o Evangelho e a busca do homem moderno de uma existência deusas humana, que a Mensagem adquire vida?” (5)

Mas o processo não termina aí. A descoberta, ou re-descoberta, de novo sen-

tido nos registros da fé conduz a nova etapa de discernimento, uma espécie de “realimentação” teológica. * No exemplo a que nos referimos, esta procede da interação entre a “criação” e a “nova criação”. Se a primeira criação está incompleta, e o mandato ao homem implica na possibilidade do abuso e do desmandado, como de fato ocorreu, assim como em verdadeiro risco, e responsabilidade autêntica para o homem, então se faz necessária a promessa de uma re-criação. O fim da história não é igual ao seu começo. O registro bíblico enfatiza a expectativa de novo céu e nova terra, como meta final. Somente esta promessa garante ao homem, em última análise, a liberdade de agir responsávelmente na história. Ela aponta a fonte da verdadeira humanização, que decorre da participação criadora de todos os seres humanos na formação da história, e que precisa ser defendida da megalomania dos tecnocratas, dos que buscam o poder, e dos ideólogos, os quais julgam poder eles próprios executarem obra da re-criação final, assim como deve ser resguardada do desespero dos neo-fatalistas, os quais também se levam, embora em outro sentido, demasiadamente a sério.

A significação da mensagem bíblica está em que ela chama atenção para (ou, em termos tradicionais, revela) a necessidade de um horizonte de espe-

(5) Em *Secular Man and Christian Mission* (Paul Löffler, ed.), CMI, Genebra, 1968, p. 19.

* Ver N. da T., pág. anterior.

rança que faça funcionar a história. (6), e oferece uma crítica profética (assim como o engajamento imediato, que leva além do determinismo de uma dada situação) quanto à possibilidade da transformação, tanto para as pessoas como das estruturas sociais. Mas o que isto é claro, em um contexto específico. "A missão da Igreja é sustentar diante dos homens e das instituições a esperança cristã. A fim de que esta se faça compreender e realizar, é preciso que se ofereçam, por meio de palavras e atos, metas específicas e programas concretos para consecução das mesmas." (7) Assim, retornamos ao engajamento, mas com uma "estratégia" enriquecida pela inspiração referente ao futuro. Ela deriva, porém, menos de um conhecimento antecipado expresso por meio de afirmações teológicas a respeito do que irá acontecer, que de uma chave que nos mostra como trabalhar em prol do futuro. Semelhante impulso está contido na descoberta de uma seqüência de acontecimentos: "a seqüência da incarnação teve início com os pobres e impotentes, e a Igreja moderna de maneira alguma pode omitir-se desse primeiro passo de identificação." (8) Ou então, recebemos alguns indícios quanto à forma de engajamento. Desde o início do ministério de Jesus, até o Pentecostes e a Igreja primitiva, a existência de comunidades destacadas é essencial ao de-

senrolar dos acontecimentos, observação esta que sugere as seguintes conclusões:

1. O homem somente humaniza em comunidade.
2. A criatividade e a orientação futura só se podem atingir em comunidade, através da interação de pessoas de dons e funções diversas (planejador, antropólogo, etc.).
3. As estruturas da sociedade têm de ser humanizadas através de comunidades-conflito, que se organizem em sentido paralelo e transversal às estruturas de poder da sociedade, não a fim de harmonizar conflitos, mas de conviver com eles e descobrir pontos para a reestruturação futura da sociedade.
4. Comunidades desses vários tipos não se constituem por si próprias. Têm de ser planejadas e instigadas; algumas, terão de ser mesmo criadas; todas elas necessitam de constante inspiração para o comprometimento.

Em eclosão: Teologia como Processo

Ainda é muito cedo, obviamente, para formular um enfoque teológico em termos amplos e completos. Entretanto, já se manifestaram alguns critérios que caracterizam essa "teologia como processo".

1. Seu ponto de partida é o engajamento, e ela leva de volta a um engajamento

-
- (6) Está aí um caso de "realimentação teológica", que encontro, por exemplo, em *Theology of Hope*, de Juergen Moltmann (London e New York, 1967).
 - (7) De um relatório da Assembléia do CMI em Uppsala, "*Becoming Operational in a World of Cities, A Strategy for Urban and Industrial Mission*, CMI, Genebra, 1968.
 - (8) Do mesmo relatório.

mais adequado. (9) Neste sentido, trata-se aqui de uma teologia missionária, que recebe o seu impulso daquilo que ocorre no mundo de hoje, e não dos registros da ação de Deus no passado, ou do corpo de tradição teológica da igreja. Isto pode parecer estar a um passo apenas de uma crença no atualismo histórico, ou de uma entrega ao ativismo missionário (que já produziu mais mal do que bem na história do Cristianismo). O pressuposto, porém, é que a missão de Deus está atuando através do que se passa hoje no mundo, e precisa ser descoberta, através da participação nos acontecimentos dos nossos tempos, da colaboração com grupos que lutam pela justiça e a paz, da presença em pontos de crise e decisão para a sociedade, do serviço aos pobres e oprimidos. Tal forma de engajamento já é uma expressão de critérios teológicos, constitui por si mesma um ato teológico. A reflexão que dela procede se caracteriza, então, por dois aspectos: (a) ela existe como reação, ou resposta, ao engajamento, não está "no volante" do desenvolvimento; e (b) sua preocupação não é a da continuidade ou correção de afirmações teológicas, mas o preparo para a participação na elaboração do futuro.

2. Encontramos no processo de reflexão teológica uma seqüência precisa, que é irreversível. O discernimento da ação de Deus nos dias atuais, e a sua formulação na "fase de motivação", podem levar à inspiração e à descoberta de novos rumos; mas não o inverso. Esta seqüência diz respeito não só à modalidade de reflexão teológica, mas também ao conteúdo das observações teológicas. Conforme se sugere no Relatório de Uppsala, "Becoming Operational in a World of Cities", existe uma seqüência entre encarnação, cruz e ressurreição, que também não pode ser invertida. O significado da ressurreição de Cristo somente podia ser compreendido por aqueles que antes o haviam acompanhado pelas estradas poeirentas da Palestina, a caminho da cruz. O horizonte da esperança se torna visível tão somente aqueles que já se uniram à causa aparentemente desesperançada dos pastores e dos enfeitados da sociedade. É esta seqüência que resguarda a reflexão teológica de se transformar em manipulação ideológica. (10)

3. O estilo desta reflexão teológica se distingue essencialmente de uma teologia orientada em torno de afirmações.

(9) Esse ponto de partida para uma "teologia do desenvolvimento" foi advogado por Trutz Rendtorff, embora com menos ênfase sobre o retorno ao engajamento como a meta explícita da reflexão teológica. Cf. IN SEARCH OF A THEOLOGY OF DEVELOPMENT, Relatório da Sodepax, Genebra, 1969, pp. 204 em diante.

(10) Ian Ramsey, na sua aplicação da filosofia da linguagem a situações religiosas, sugere a seqüência entre "discernimento" e "compromisso". Porém ele termina por construir um sistema lógico, que resulta numa teologia orientada no sentido de afirmações. Cf. RELIGIOUS LANGUAGE, SCM Press, Londres, 1957.

(11) Esta levanta problemas, para o nosso contexto, não só pelo fato de "fixar" em formas estáticas uma situação que se modifica dinamicamente; é também falha na expressão do significado teológico, isto é, no que diz respeito a afirmações qualitativas. A tarefa consiste em apontar correlações entre os vários rumos de dada situação, identificar o modo de interação entre fatores diversos, expor os motivos e objetivos dos grupos envolvidos na situação, definir e aguçar problemas e questões, formular metas e métodos para sua consecução. Isto não se consegue através da formulação de afirmações no sentido tradicional. Exige a descrição de movimentos, observações condicionais, que se articulam assim: se tal análise é correta, então...; e, finalmente, a elaboração de critérios. Creio que tal estilo de reflexão teológica não é estranho à Bíblia, antes se aplica igualmente a muita matéria do Velho e do Novo Testamentos. Pelo menos, aí está uma questão hermênica que merece ser explorada: até que ponto os relatos bíblicos e formulações kerygmáticas pretendem ser afirmações de ordem geral, ou são registros de respostas específicas a situações concretas. No segundo caso, será muito preferível expressá-los através de um estilo de reflexão teológica semelhante à que esboçamos aqui, como teologia de orientação processual.

4. A metodologia de uma "teologia como processo" consiste em estabelecer a

"interação dialética (12) em dois níveis. O nível básico é o da interação entre o engajamento e a reflexão. (13) O segundo nível é o da interação entre a resposta atual do povo de Deus à missão de Deus nos dias de hoje, e os registros de respostas e atos ocorridos no passado. A interação dialética significa que, nem um método meramente dedutivo, que parte de dadas posições históricas, as quais ele tenta adaptar a situações novas, nem um método simplesmente indutivo, que limita o campo de ação da reflexão teológica pela análise sociológica, econômica e política, consegue realizar a tarefa. A "interação dialética" pretende estabelecer um processo de confrontação entre aquilo que experimentamos hoje como cristãos, ou igrejas, engajados, e os recursos da fé do passado. Estes registros da fé contêm sinais e pontos vitais, experiências de homens na história, que possuem significação para o nosso futuro. De fato, todo este argumento se sustenta, ou cai, diante da questão se nos encontramos, na sociedade moderna, frente a uma situação totalmente nova para o homem, ou não. Creio que existe para o homem moderno o perigo de uma outra forma de desumanização: o da sua alienação dos seus semelhantes que viveram em outras épocas, a eliminação do seu ser histórico, através de um sentido de descontinuidade radical.

(11) Ver Nota (1), pág. 2.

(12) Essa expressão vem do pronunciamento da Consulta de Zagorsk, patrocinada pelo CMI, em 1968. Cf. STUDY ENCOUNTER, vol. 2 (1968), pp. 71 ff.

(13) Este ponto já se esclareceu há muito tempo, na discussão do Departamento do Laicado, do CMI. Cf. LAITY, n.º 19, CMI, Genebra, Julho 1965. Ele se repete sob diversas formas, e.g.: "É mais comum as pessoas chegarem a uma nova maneira de pensar em consequência dos seus atos, do que chegarem a um novo modo de agir em consequência do pensamento ou reflexão. (Richmond Task Force for Reserach, Urban Sarategy and Training — TRUST).